

## Índice

### *Primeira Parte: A Dupla Vida de Arsène Lupin*

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| O Massacre                          | 9   |
| O Sr. Lenormand Inicia as Operações | 44  |
| O Príncipe Sernine em Acção         | 58  |
| O Sr. Lenormand em Acção            | 86  |
| O Sr. Lenormand Sucumbe             | 102 |
| Parbury-Ribeira-Altenheim           | 120 |
| A Sobrecasaca Oliva                 | 143 |

### *Segunda Parte: Os Três Crimes de Arsène Lupin*

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| Santé-Palace                   | 165 |
| Uma Página da História Moderna | 190 |
| O Grande Plano de Lupin        | 203 |
| Carlos Magno                   | 217 |
| As Cartas do Imperador         | 231 |
| Os Sete Bandidos               | 254 |
| O Homem de Negro               | 274 |
| O Mapa da Europa               | 293 |
| Os Três Crimes de Arsène Lupin | 311 |
| Epílogo: O Suicídio            | 331 |

PRIMEIRA PARTE

A Dupla Vida de Arsène Lupin

## O Massacre

### 1

O Sr. Kesselbach parou à entrada da sala, pegou no braço do secretário e murmurou com voz inquieta:

— Chapman, tornaram a entrar aqui.

— Mas como! — protestou o secretário —, se o senhor acaba de abrir a porta e, enquanto almoçámos no restaurante, a chave não saiu do seu bolso...

— Chapman, tornaram a entrar aqui — repetiu o Sr. Kesselbach.

Apontou uma mala de mão que se encontrava junto da chaminé.

— Olhe, aí tem a prova. Essa mala estava fechada e agora está aberta.

Chapman retorquiu:

— Tem a certeza de a ter fechado? De resto, a mala tem apenas objectos sem valor e artigos de higiene.

— Tem apenas isso porque eu tirei de lá a minha carteira antes de sair, por precaução... Garanto-lhe, Chapman, entraram aqui enquanto almoçávamos.

Agarrou no telefone instalado na parede.

— Está... Fala Kesselbach, apartamento 415... Sim, sim... Menina, ligue-me à polícia, faça favor... Serviço da Sûreté... Eu tenho o número... um momento... Ah! Aqui está ele... é o número 822.48... Obrigado, eu espero.

Um momento depois prosseguiu:

— Está? Estou. Desejava falar com o Sr. Lenormand, chefe da Sûreté. Fala Kesselbach... Sim, sim, o Sr. Lenormand sabe do que se trata. Foi ele que me disse para telefonar... Ah, não está... Com quem tenho a

honra de falar? Com o Sr. Gourel, inspector... Mas quer-me parecer que o senhor assistiu ontem ao meu encontro com o Sr. Lenormand... Bem me queria parecer. Pois bem, caro senhor, repetiu-se hoje o mesmo facto. Tornaram a entrar no meu apartamento. Se o senhor viesse já, poderia talvez descobrir como, observando os indícios... Daqui a uma hora? Perfeitamente. É o apartamento 415. Mais uma vez, obrigado!

De passagem em Paris, Rudolf Kesselbach, o rei dos diamantes, como lhe chamavam — ou, segundo outro epíteto, o dono do Cabo — o multimilionário Kesselbach, cuja fortuna era avaliada em mais de cem milhões, ocupava havia uma semana, no quarto andar do Palace Hôtel, o apartamento 415, composto de três peças, das quais as duas maiores, à direita, a sala e o quarto principal, davam para a avenida e a outra, à esquerda, destinada ao secretário Chapman, abria para a rua da Judée. A seguir a este quarto, ficavam cinco compartimentos reservados para a Sr.<sup>a</sup> Kesselbach, que devia partir de Monte Carlo, onde agora se encontrava, e reunir-se ao marido, mal este a chamasse.

Rudolf Kesselbach pôs-se a caminhar de um lado para o outro com ar preocupado. Era um homem de elevada estatura, de rosto aberto, ainda jovem, ao qual os olhos sonhadores, de que se apercebia o azul terno através dos óculos de ouro, imprimiam uma expressão de doçura e de timidez que contrastava singularmente com a energia da fronte quadrada e do queixo ossudo.

Encaminhou-se para a janela. Estava fechada. De resto, não poderiam ter-se introduzido por ali: a varanda do apartamento interrompia-se à direita; e, à esquerda, havia uma divisória de pedra que a separava da varanda da rua da Judée.

Entrou no quarto: não tinha nenhuma porta de comunicação. Entrou no quarto do secretário: a porta que dava para as divisões reservadas para a Sr.<sup>a</sup> Kesselbach estava fechada à chave e tinha o ferrolho corrido.

— Não compreendo nada, Chapman, há vários dias que reparo em certas coisas... coisas estranhas, tem de reconhecer. Ontem, era a minha bengala que não estava no mesmo sítio. Anteontem, tenho a certeza de que me mexeram nos papéis e, contudo, não me parece possível...

— É impossível, senhor — exclamou Chapman, em cuja figura plácida de homem honesto não se distinguia a mínima inquietação. — Isso são tudo suposições, o senhor não tem nenhuma prova concreta, mas apenas impressões. E depois, veja! Só se pode entrar neste apartamento pela porta do vestíbulo. Ora, justamente, o senhor, logo que aqui

chegou, mandou fazer uma chave especial e a única pessoa a quem o senhor confiou um duplicado foi ao seu criado Edwards. O senhor tem inteira confiança nele?

— Claro! Há dez anos que está ao meu serviço... Mas Edwards almoça ao mesmo tempo que nós e não pode ser assim. De futuro, só irá almoçar depois de nós voltarmos.

Chapman teve um leve encolher de ombros. Decididamente, o dono do Cabo estava a ficar algo esquisito com os seus receios inexplicáveis. Que riscos se pode correr num hotel, sobretudo quando não se tem consigo nenhum valor, nenhuma soma importante em dinheiro?

Ouviram abrir a porta do vestíbulo. Era Edwards.

O Sr. Kesselbach chamou-o.

— Vestiu a libré, Edwards? Muito bem. Eu não espero ninguém hoje, Edwards... ou melhor, espero uma visita, o Sr. Gourel. Entretanto, fique aí no vestíbulo e vigie a porta. Nós temos muito que fazer e não quero ser incomodado.

O trabalho durou apenas uns minutos, durante os quais o Sr. Kesselbach examinou o correio, percorreu com os olhos três ou quatro cartas e indicou as respectivas respostas. De repente, Chapman, que esperava, a caneta pronta, apercebeu-se de que o Sr. Kesselbach já não pensava no correio. Ergueu os olhos e viu que ele observava atentamente um alfinete preto em forma de anzol, que segurava com dois dedos.

— Chapman — disse ele —, veja o que encontrei em cima desta mesa. É evidente que este alfinete dobrado significa alguma coisa. Aqui tem uma prova concreta. Agora não pode negar que entrou aqui alguém. Porque, afinal, este alfinete não veio aqui parar sozinho.

— Claro que não — respondeu o secretário —, fui eu que o trouxe.

— Como?

— Sim, era um alfinete com que eu fixava a minha gravata à camisa. Tirei-o ontem à noite enquanto o senhor lia e entortei-o inconscientemente.

O Sr. Kesselbach ergueu-se, vexado, deu uns passos e depois parou:

— Sem dúvida que acha graça, Chapman... e tem razão... Concorro que ultimamente, desde a minha última viagem ao Cabo, devo parecer bastante excêntrico. Mas é que... bem... o Chapman não sabe uma coisa que me aconteceu... Um projecto formidável, uma coisa enorme que eu por enquanto enxergo ainda envolta na névoa do futuro, mas que vai tomando forma e é colossal... Ah, Chapman, não

pode imaginar! O dinheiro já não me interessa, eu tenho até demasiado... Mas isto é muito mais importante, é o poder, a força, a autoridade. Se a realidade for como eu penso, serei não só dono do Cabo, como de muitos outros reinos... Rudolf Kesselbach, o filho do caldeireiro de Ausburgo, poderá olhar de frente as pessoas que hoje o olham de cima... Poderá até olhá-las de cima, Chapman, tenho a certeza. E se...

Interrompeu-se, olhou para Chapman como que arrependido de ter falado demais, mas, levado pelo entusiasmo, concluiu:

— Veja se compreende, Chapman, porque estou inquieto... Tenho aqui, na minha cabeça, uma ideia que vale muito... E essa ideia, há talvez quem suspeite dela... E espiam-me, estou certo...

Soou uma campainha.

— É o telefone — disse Chapman.

— Será — murmurou Kesselbach — por acaso...

Atendeu.

— Está?... Quem? O coronel?... Ah, muito bem! Sim, sou eu... Tem novidades?... Ótimo. Então fico à sua espera... Vem com os seus homens? Muito bem... Não, não seremos incomodados, vou dar ordens nesse sentido... Mas é assim tão grave?... Fique descansado, as instruções serão claras, o meu secretário e o meu criado ficarão de guarda à porta e não deixarão entrar ninguém. Sabe o caminho, não é verdade? Então não se demore.

Pousou o auscultador e informou:

— Chapman, vou receber dois senhores... Sim, dois senhores. Edwards abrir-lhes-á a porta e...

— E o Sr. Gourel, o sargento?

— Esse deve chegar mais tarde... daqui por uma hora... E depois, se se encontrarem, não tem importância. Portanto, faça o favor de dizer a Edwards para prevenir a recepção. Eu não estou para ninguém, excepto para esses dois senhores, o coronel e o seu amigo, e para o Sr. Gourel. Eles que escrevam os nomes.

Chapman executou a ordem. Quando voltou, o Sr. Kesselbach tinha uma carteira na mão, ou melhor uma bolsa de marroquim preto, sem dúvida vazia, a julgar pela aparência. Parecia hesitar, como se não soubesse o que fazer dela. Guardá-la no bolso ou metê-la em qualquer parte? Por fim, aproximou-se da chaminé e deixou cair a bolsa de coiro na mala de mão.

— Vamos acabar o correio, Chapman. Temos ainda dez minutos. Ah, uma carta da Sr.<sup>a</sup> Kesselbach! E não me tinha dito nada, Chapman! Não reconheceu a letra?

Era evidente a emoção que experimentava em tocar e em contemplar aquela folha de papel que a sua mulher segurara nas mãos e em que ela inscrevera um pouco do seu pensamento íntimo. Aspirou-lhe o perfume e, abrindo-a, leu-a lentamente, a meia-voz, de tal modo que Chapman conseguia ouvir certas frases:

— Ando cansada... Não deixo o meu quarto... Aborreço-me... Quando poderei ir ter consigo? aguardo com impaciência o seu telegrama... Enviou o telegrama esta manhã, não foi, Chapman? Portanto, a Sr.<sup>a</sup> Kesselbach deve estar cá na quarta-feira.

Parecia todo contente, como se o peso que o oprimia tivesse subitamente diminuído e como se, de repente, se visse liberto de toda a inquietação. Esfregou as mãos e respirou profundamente, como um homem seguro da sua força, como um homem feliz, que domina a sua felicidade e que se sente capaz de se defender.

— Tocaram à porta do vestíbulo, Chapman. Vá ver quem é.

Mas, entretanto, entrou Edwards, que disse:

— Estão ali dois senhores que desejam falar-lhe. Dizem que são as pessoas que...

— Eu sei. Estão aí, no vestíbulo?

— Sim, senhor.

— Então, feche a porta e não a abra senão ao Sr. Gourel, sargento da Sûreté. Chapman, vá ter com esses senhores e diga-lhes que eu gostaria de falar primeiro com o coronel, a sós.

Edwards e Chapman saíram, fechando a porta do salão atrás deles. Rudolf Kesselbach acercou-se da janela e apoiou a fronte no vidro.

Lá em baixo, na avenida, as carruagens e os automóveis rolavam em duas correntes paralelas. Um claro sol de Primavera fazia brilhar os metais e os vernizes. Nas árvores, desabrochava um verde ainda tímido; e nos rebentos dos castanheiros despontavam as folhinhas recém-nascidas.

— Que diabo estará Chapman a fazer? — murmurou Kesselbach.  
— Tanto tempo a parlamentar!...

Foi buscar um cigarro de cima da mesa, acendeu-o e puxou algumas fumaças. De repente escapou-lhe uma exclamação. Junto dele, de pé, estava um homem que ele não conhecia.

Recuou um passo.